

Em *Hípias (Maior)*, o diálogo inicia-se pela caracterização de Hípias, seguindo-se as suas actividades, para logo atingir as principais (as actividades belas, as *técnicas* de produção do Belo, a história, a análise e interpretação da obras Belas – Homero – a crítica literária), o que passa pelo ensino da juventude, pelas Virtudes, pela Lei, pelo bem-estar sócio-político, pela Sabedoria do Poder, até uma crítica ao Poder político de Esparta, e logo de seguida, a Hípias, para concluir que a *opinião da maioria* não constitui uma Verdade e que Hípias está mais com as maiorias, *que o elogiam e gostam de o ouvir*. Hípias vai, pois, representar no diálogo a *opinião da maioria*. Contudo, Hípias é ao mesmo tempo o *Saber Supremo*, para si e para a sociedade do seu tempo, – com a maioria e o *senso comum* – o expoente máximo do pensamento racional, no domínio da *lógica*, da *matemática*, da *ciência*. Neste sentido, para Hípias (qualquer *hípias*) não existe *Sabedoria* (Arte ou Dialéctica) mais além dos seus próprios limites – não lhe é concebível (tal como nos dias de hoje), pois não é uma questão de vontade, é algo *ausente* da sua mentalidade e de que jamais terá consciência – jamais poderá alcançar o Belo (a Arte) e a Dialéctica.

Hípias é caracterizado como uma daquelas figuras que se colam ao Poder político, e este, a elas. É o “intelectual super”, comentador, analista, consultor, que sabe de tudo e de todos, como há muitos na nossa actualidade, é convidado para representar as elites e exercer funções políticas de alto valor cultural junto do *exterior*, seja nos meios políticos seja nos meios culturais. Hoje seria um dos maiores das Academias e Universidades, ou um director ou mentor, ou comissário de Expos, de Centros Culturais, de Institutos de Arte, *Conselheiro Cultural e embaixador* de todo o mundo institucional, e para todas as Artes e Ciências.

Se nós quisermos obter um paralelo de Hípias com a actualidade, o que permitirá uma melhor compreensão, podemos apresentar alguns exemplos que, apesar de tudo, ficam aquém do sofista grego, que afinal Hípias sempre nos deixou um método para a divisão de um ângulo em três partes iguais.

Na actualidade, podemos encontrar muitos *investigadores científicos*, que nos seus projectos, porque (tal como Hípias) também se pretendem especialistas em Arte, com toda a sua “sabedoria”, nos têm oferecido enormes quantidades de disparates. Um dos exemplos mais *típicos* é um projecto de inteligência artificial: o *analizador de poemas*. É um riso! Ou aquele outro professor e investigador, que recebeu e recebe verbas significativas, para criar robôs (brinquedos) que *produzem* Arte, sim Arte, e porque não? Ou mesmo aqueles outros doutores em *motricidade humana* (ginástica), que supervisionam projectos e investigações nas disciplinas de Arte. Sim! Porque a Arte é uma questão motora. Não se pense que estes poucos exemplos são únicos, consultem-se as listagens de projectos pagos pelas várias Instituições públicas e privadas (Fundações), para se ter uma pequena ideia – essa contagem, e análise a respectiva estatística, seria tema para um bom projecto de doutoramento, como é norma neste Portugal.

E afinal para que estaremos nós a escrever sobre Arte na actualidade, se ainda é uma questão que o Poder não admite *na sua cidade* (numa leitura do texto de Platão ao nível da *opinião da maioria*). Na verdade ainda se preferem as *imitações* mais reles, pois, os *sofistas* de hoje continuam a afirmar que a Arte é uma questão

de gosto; que está, e estará sempre ao alcance de todas as pessoas a capacidade de se pronunciarem e avaliarem uma *Obra de Arte*, ainda que sem qualquer formação ou informação específica em cada uma das técnicas específicas – em cada tipo, ou *técnica* da Arte! De facto, sem sequer se aperceberem dos vários níveis a que são feitas essas avaliações, entre o simples e o complexo, pois que a *Obra de Arte*, como o *discurso dialéctico*, continua *oferecendo à alma complexa discursos complexos e com toda a espécie de harmonias, e simples à alma simples*.

Segue-se, no diálogo, nos termos da dialéctica definida por Platão, a definição do objecto da discussão, que Sócrates vai procurar que Hípias exponha claramente, bem do fundo do seu ser: a *análise (crítica) literária* para avaliação do melhor, o mais Belo dos poemas de Homero, sabendo-se que Hípias havia afirmado na sua conferência: *a Ilíada era um poema de Homero mais Belo que a Odisseia, tanto mais Belo, quanto melhor era Aquiles que Ulisses*.

Em *Hípias*, como exemplificámos, encontrámos alguns momentos em que o pensamento de Platão se manifesta de um modo muito claro, num ponto de confluência dos dois interlocutores, todavia diferenciando-se de cada um deles. E o principal é sem dúvida o segundo momento, quando se admite um outro Ser ou entidade, resultante dos dois, de Sócrates e Hípias (os dois *opostos*), quando os dois são apenas um, e cada um permanece como um, cada um se apresenta independente do conjunto dos dois: uma tese que Hípias não consegue admitir, e que Sócrates sublinha, mas admitindo a sua possibilidade, não é capaz de a comprovar em toda a sua plenitude. Platão conclui aqui uma primeira parte da sua explicação da Dialéctica, como uma *simbiose* dos *opostos*, mas não de qualquer simbiose.

O primeiro momento, encontrámos quando Platão conclui a sua explicação sobre o Belo, aparece em primeiro lugar, porque também é uma explicação da Dialéctica (o seu processo é também um processo dialéctico), aparentemente mais fácil de compreender, pois ao atingir a sua essência, no ponto mais alto da *noética superior*, a sua expressão por uma *técnica* adequada do seu criador, apresenta-se também aos sentidos do público, pelo ver e ouvir, pelo *ver inteligível: o Belo é um prazer inteligível*, dado pelo *reconhecimento no espírito da ideia da realidade do objecto, do facto*, por isso só apreensível pelo ver ou pelo ouvir (os dois sentidos que transportam o mundo exterior ao inteligível), ou pelos dois sentidos em conjunto. Todavia, não apenas pela vista ou pelo ouvido, pela *percepção do objecto*, considerando que não é propriedade dos sentidos, pois *apenas passa* por eles para se manifestar no espírito, ao *inteligível*, pela *noésis*, na *noética superior*. Como a Dialéctica, desenvolve-se a partir das mais íntimas zonas do Ser (do sensível ao afectivo e emocional), enraizando-se nos seus desejos mais profundos, percorrendo o racional e ultrapassando-o, emergindo no espírito como uma clarividência. Todavia, Hípias está muito longe de compreender ou apreender isso, e Sócrates reconhece que só por vezes tais coisas lhe passam pela cabeça.

Assim, aqui no diálogo sobre o Belo, encontrámos um exemplo muito completo do *processo dialéctico*, pois como atrás já referimos: está aqui exposto ao vivo na sua prática teórica. Em *Hípias*, o confronto principal, dá-se mais entre Sócrates e

o seu outro, é entre eles que se manifesta de facto quase toda a argumentação racional, o desenvolver da Razão; enquanto que o confronto destes dois com Hípias, representa o confronto com a *opinião da maioria*, com uma *realidade aparente*, considerada, por vezes, como um *senso comum*. Este é afinal o confronto com aqueles que permanecem na caverna, capazes de linchar o iluminado.

A Dialéctica, tal como a criação, a construção e apreensão do Belo, compreende a ascensão num processo que ocupa a totalidade da *linha dividida na vertical*, e que tem a sua raiz no instinto, na “loucura”, no delírio do desejo, nos mais profundos anseios humanos, até atingir a consciência, alcançando um *prazer inteligível* ao atingir o patamar mais alto do espírito humano, onde se fundem a Sabedoria e o Belo, tal como ficou muito bem explícito no exemplo didáctico sobre o Amor, exposto em *Fedro*, com o discurso atribuído por Sócrates a Estesícoro.

Contudo, *o Belo é difícil* também porque após a sua criação, se volta a expor aos sentidos, ao mundo sensível, como a *ideia* (o conceito) volta ao ponto inferior da *linha dividida na vertical*: o objecto de Arte, tanto como um texto didáctico da dialéctica – *Hípias, Íon*, ou qualquer outro – volta a expor-se ao seu criador como aparece a todas as outras pessoas. E perante um público diverso, voltará a ser apreendido apenas pela sua *aparência* (como é comum), numa *imitação da ideia*, da *forma*, de uma *teoria*, de um *objecto conceptual*, etc., encobrendo-se então pela *opinião da maioria*, *ocultando-se assim o sentido da obra*, os seus *conteúdos* (a *hiponóia*), que passará então despercebido e que jamais se descobrirá através do *senso comum*. O que se concretiza em Platão com o exemplo do pintor.

Um terceiro momento, encontrámos com a análise da obra de Homero, do *divino poeta*, a análise das obras mais Belas, e com a realização de um *Juízo de Valor* sobre essas obras: quem poderá dizer qual a mais Bela, qual a *melhor*, a *Iliada* ou a *Odisseia*? Quando no momento mais conflituoso do diálogo, Hípias anuncia pela sua negação a tese de Platão, uma tese que é desde logo aceite e confirmada por Sócrates: *são melhores os que cometem faltas intencionalmente, que os que as fazem involuntariamente*.

Resultando daí como conclusão, que o homem bom *quando realiza o feio, o realiza voluntariamente pela sua força e pela sua técnica*. E aquele que causará muito maior dano, porque é o caso mais frequente, é *o homem mau, ou medíocre, praticando involuntariamente o mal*.